

Capítulo 6: Todos e ambos

Mário A. Perini

1. O PROBLEMA DE *TODOS* E *AMBOS*

Os itens **todos** e **ambos** podem ocorrer no início do SN, como em

(1) a. *Todos os elefantes* fugiram do zoológico.

b. *Ambos os elefantes* fugiram do zoológico.

Nesses casos, às vezes, são considerados elementos externos ao SN; as razões têm a ver com as possibilidades de transporte desses elementos para outras posições, incluindo algumas não contíguas ao SN:

(2) a. Os elefantes *todos* fugiram do zoológico.

b. Os elefantes fugiram *todos* do zoológico.

Dentro dos pressupostos desta análise, entretanto, **todos e ambos** podem ser considerados parte do SN quando estão contíguos a ele. Como não estamos considerando as relações transformacionais como relevantes para nossa análise (que é assumidamente superficial), podemos dizer que **todos e ambos** em (1) estão ocupando uma posição dentro do SN imediatamente antes do determinante — ou seja, como pré-determinantes; essa é a análise adotada neste trabalho.

Por outro lado, **todos e ambos** podem ocorrer em posições onde é inevitável, mesmo em uma análise transformacional, analisá-los como elementos internos do SN. Um exemplo é, provavelmente, (2a), onde o SN talvez seja

[os elefantes todos]

Mas o caso mais claro é o de

(3) *Os elefantes todos do zoológico* estão adoentados.

Aqui não vemos saída senão analisar **todos** como um dos termos do SN (provavelmente um TL), seguido por outro termo do SN, **do zoológico**:

[os elefantes todos do zoológico]

Det TL TL TL

Sintagmas como esse apresentam um interesse especial no contexto de nossa análise do SN. No restante deste capítulo, consideraremos a questão do posicionamento de **todos e ambos** dentro do SN e da oração.

De agora em diante, na discussão e nos exemplos utilizaremos somente **todos**; entenda-se que o que se disser de **todos** se aplica igualmente a **ambos**. Na verdade, o comportamento desses dois itens não é totalmente idêntico; mas é idêntico no que nos interessa, e isso nos basta por ora.

2. *TODOS* NA ORAÇÃO E NO SN

A análise que propomos parte da dissertação de Anilce Simões (1974), que estudou com bastante detalhe as possibilidades de ocorrência de *todos* e *ambos* (chamados pela autora “quantificadores”). Embora sua proposta deva ser parcialmente reformulada neste capítulo, o trabalho de Simões constitui a base de nossa descrição, e é a nosso ver a análise mais importante da sintaxe desses itens em português. Outros autores abordaram a questão: Pontes, 1978; Mateus *et al.*, 1983; Lemle, 1984. Para o francês, temos Kayne, 1969, e, para o inglês, Huddleston, 1984. Aqui tentaremos elaborar uma descrição mais completa do comportamento de *todos* e *ambos* do que o que se encontra na literatura.

2.1. POSIÇÕES DE *TODOS* NA ORAÇÃO

Deixando de lado por ora a ocorrência de *todos* dentro do SN, vejamos a distribuição desse item dentro da oração. Quando *todos* aparece fora do SN (e contíguo ou não a ele), pode ocorrer nas seguintes posições:

- (a) imediatamente depois do auxiliar (Aux);
- (b) imediatamente depois do núcleo do predicado (NdP).

Essas são as posições estabelecidas pelo componente mórfico para *todos* fora do SN; cada uma delas, naturalmente, corresponde a uma função mórfica (adotaremos, para efeitos desta discussão, a análise mórfica da oração proposta em Perini, 1989; 1995).

Exemplos de cada uma dessas posições são, respectivamente:

- (4) Os candidatos estavam *todos* esperando o primeiro lugar.

Aux *NdP*

- (5) Os candidatos conseguiram *todos* um bom emprego.

NdP

2.1.1. Interpretação distributiva

O exemplo (5) sugere que **todos** pode ocorrer livremente logo depois do núcleo do predicado; mas não é assim, e há muitos casos em que **todos** ali causa má formação:

(6) * Os fatos surpreenderam *todos* Raul.

Agora vamos procurar uma explicação para a inaceitabilidade de (6). Argumentaremos que não se trata de uma proibição mórfica (já que (5) é bem formada), mas do efeito de uma condição semântico-pragmática (CSP).

Segundo a análise de Simões, 1974, o transporte de **todos** para longe do SN seria bloqueado quando o verbo principal é transitivo. Essa restrição foi introduzida por Simões para dar conta da má formação de

(6) * Os fatos surpreenderam *todos* Raul.

(7) * Os fatos surpreenderam Raul *todos*.

Concordamos que essas frases são inaceitáveis, mas acreditamos que existe uma explicação mais natural do que a de Simões.

Embora (6) e (7) sejam realmente inaceitáveis, há casos em que **todos** pode aparecer posposto mesmo na presença de objeto direto, como em

(5) Os candidatos conseguiram *todos* um bom emprego.

Nosso problema, naturalmente, é tentar descobrir qual a diferença crucial entre (5) e (6). Sustentaremos que se trata de uma diferença ligada à interpretação das sentenças; em outras palavras, a inaceitabilidade de (6) se deve a uma má formação semântica.

O exame das frases onde, como em (5), a presença do objeto direto não impede o posicionamento pós-verbal de **todos** mostra que

a interpretação é sempre “distributiva”; ou seja, há uma relação semântica entre o sujeito e o objeto tal que

- (8) ”Os indivíduos do conjunto denotado pelo [sujeito] são exaustivamente mapeados sobre conjuntos denotados pelo [objeto], tais que não há dois indivíduos [do conjunto do sujeito] que sejam mapeados sobre o mesmo [indivíduo do conjunto do objeto]”.

[adaptado de Safir & Stowell, *ms.*]

No exemplo (5) essa regra dá como resultado que cada um deles conseguiu seu emprego, e não mais de um (porque o objeto tem a especificação **um**). Note-se que esse tipo de interpretação é impossível em (6), porque **Raul** é necessariamente singular e específico, não podendo ser “distribuído”.

Todos os casos em que a interpretação (8) é impossível impedem a ocorrência posposta de **todos**:

- (9) * Eles sujaram todos minha cara.

mas:

- (10) Eles sujaram todos a cara.

(pois a **cara** pode ser entendido distributivamente como “a cara de cada um”).

Os exemplos (9) e (10), aliás, mostram que o fenômeno não é governado pelo verbo, pois ambas as frases têm o mesmo verbo, **sujar**, e no entanto se comportam diferentemente.

Safir & Stowell, estudando certas construções inglesas com **each**, formularam a regra que aqui demos (ligeiramente adaptada) como (8), e que valeria, em princípio, para a interpretação de **cada (um)**. Como as condições de interpretação de **todos** são muito semelhantes, vamos utilizar a essência da análise de Safir & Stowell como base para a explicação que se segue.

Parece que tanto **cada (um)** quanto **todos** podem ser interpretados distributivamente ou não-distributivamente quando estão contíguos ao sujeito. Assim, podemos dizer

(11) Cada uma das meninas fritou um croquete.

onde a interpretação é preferencialmente distributiva. Mas também podemos dizer

(12) Cada uma das meninas se divertiu imensamente.

onde a interpretação não é distributiva (na ausência de objeto, não haveria como aplicar (8)).

O mesmo ocorre com **todos**:

(13) Todas as meninas fritaram um croquete.

(cada uma delas fritou um croquete)

(14) Todas as meninas se divertiram imensamente.

Agora, quando contíguos ao objeto, tanto **cada (um)** quanto **todos** só podem ser interpretados distributivamente. Assim, é possível dizer

(15) As meninas fritaram um croquete cada uma.

(16) As meninas fritaram todas um croquete.

que são essencialmente sinônimas de (11) e (13), respectivamente. Mas se substituirmos **um croquete** por um SN que não aceita interpretação distributiva, como **este croquete**, somente as versões com **cada (um)** e **todos** junto ao sujeito é que serão aceitáveis:

(17) ?? Cada uma das meninas fritou este croquete.

(aqui a interpretação possível - certamente estranha - é que elas fritaram, sucessivamente, o mesmo croquete).

(18) ?? Todas as meninas fritaram este croquete.

(mesma interpretação de (17)).

(19) * As meninas fritaram este croquete cada uma.

(20) * As meninas fritaram todas este croquete.

O problema com (19) e (20) é que a interpretação produzida por (8) é impossível, pois o objeto não pode ser distribuído pelas várias entidades denotadas pelo sujeito; e, por outro lado, a interpretação não-distributiva não está disponível aqui porque **cada uma / todas** estão contíguos ao objeto direto.

Como se vê, esse mecanismo, independentemente motivado para descrever as possibilidades de interpretação de **cada (um)** e de **todos**, é suficiente para dar conta da inaceitabilidade de (6), sem necessidade de uma restrição especial para proibir a ocorrência de PDet posposto com verbos transitivos.

Finalmente, esclarecemos que formulamos as condições de interpretação distributiva utilizando as funções de “objeto” e “sujeito”, e não simplesmente as posições, “anteposto” e “posposto”, porque quando um objeto é anteposto (topicalizado), ele ainda assim preserva a possibilidade de interpretação distributiva. Por exemplo,

(21) Um croquete cada uma, as meninas fritaram.

Esta frase nos parece aceitável, e tem interpretação distributiva. Por outro lado, em estruturas passivas verifica-se o efeito oposto:

(22) * Um croquete cada uma foi frito pelas meninas.

Isso mostra que a possibilidade de interpretação distributiva de-

pende da função, e não da posição do sintagma. Na formulação original de Safir & Stowell, as funções sintáticas não são mencionadas.

2.1.2. Presença de intensificadores

Simões, 1974, observa que a colocação de **todos** longe do SN é bloqueada quando o verbo é seguido de intensificador (**muito, bastante, pouco** etc.). O exemplo dado por Simões é

(23) * Os alunos estudaram todos muito.

Aqui parece que não existe uma generalização mais ampla que possa explicar essa inaceitabilidade sem necessidade de uma restrição específica. No entanto, suspeitamos que não se trata de bloqueio à colocação de **todos**, mas antes alguma restrição semântica à ocorrência desse item seguido de intensificador. Pensamos assim porque a seqüência **todos muito** causa redução de aceitabilidade mesmo quando em outras posições; por exemplo, quando **todos** constitui, por si só, o SN:

(24) Marília respeita o diretor muito.

mas

(25) ?? Marília respeita (a) todos muito.

Em (25), evidentemente, não se pode falar de ocorrência de **todos** longe de um SN (já que **todos** é, sozinho, o SN); no entanto, o efeito está presente.

Outra razão para não aceitar o bloqueio da colocação de **todos** separado de um SN na presença de intensificador é que quando **todos** fica depois do auxiliar (e antes do verbo principal) a presença do intensificador não causa inaceitabilidade:

(26) Aquelas pessoas têm todas trabalhado muito.

(27) Aquelas pessoas estão todas trabalhando muito.

Não detectamos nenhuma inaceitabilidade nessas frases.

Concluimos que Simões tem razão ao atribuir a inaceitabilidade de frases como (23) à presença do intensificador; mas que não se trata propriamente de uma restrição ao posicionamento de **todos** longe do SN nesses casos. Antes, trata-se de uma restrição à ocorrência de **todos** ao lado de intensificadores.

O nível de aceitabilidade nesses casos parece variar bastante quando se testam diferentes intensificadores; assim, **muito** tem um efeito mais nítido do que **bastante**. Vamos admitir que há realmente uma restrição específica aqui, provavelmente de caráter semântico, relacionada à ocorrência contígua desses elementos. Fica, evidentemente, muita coisa a investigar, antes de dispormos de uma interpretação satisfatória dos fatos.

2.2. POSIÇÕES DE *TODOS* NO SN

Passemos agora às possibilidades de ocorrência de **todos** dentro do SN. Esse elemento pode ocorrer no início (na função mórfica de PDet), como em

(28) *Todos* os elefantes fugiram do zoológico.

ou então no final, onde presumivelmente será um TL, como em

(29) Os elefantes *todos* fugiram do zoológico.

Vale a pena apontar que o posicionamento ilustrado em (29) é inaceitável para alguns falantes. Aqui vamos considerá-la aceitável, reconhecendo embora que há o que investigar aí.

Agora, há casos em que **todos** aparece posposto e certamente faz parte do SN, pois vem antes de um termo do SN. Um exemplo é

(30) Os motoristas todos do Brasil aceitaram o acordo.

Como o SN é **os motoristas todos do Brasil**, temos que admitir que **todos** ocorre aí dentro do SN. Na discussão que se segue, vamos admitir que tanto **todos** quanto **do Brasil** desempenham a função de TL. Essa análise deve ser tomada como provisória, embora plausível, porque neste trabalho não incluímos uma análise detalhada das funções dos sintagmas preposicionados no SN. E é principalmente por causa desse caráter provisório da análise do sintagma preposicionado — e portanto de **todos** — que preferimos tratar do assunto neste capítulo, em vez de integrá-lo na análise geral dada no capítulo 3.

Podemos começar com as seguintes observações gerais: dentro do SN, **todos** nunca ocorre antes de um TL representado por adjetivo; e quando o TL é representado por SPrep, **todos** às vezes pode ocorrer antes dele, e às vezes não pode. Assim, temos:

(31) * Os motoristas todos honestos aceitaram o acordo.

(32) * Os motoristas todos de táxi aceitaram o acordo.

(33) Os motoristas todos da cidade aceitaram o acordo.

Como estamos admitindo que tanto **todos** quanto o adjetivo, ou o SPrep, são TLs, devemos procurar, segundo nossos pressupostos, alguma condição semântico-discursiva que dê conta dessas restrições de posicionamento. Como se verá, não temos base para formular essa condição; assim, nos limitaremos a colocar a questão com a clareza possível, e sugerir caminhos para sua solução.

2.2.1. Coesão entre os TLs

Já sabemos que o grau de coesão entre diversos TLs de um sintagma varia, segundo os traços semânticos dos termos envolvidos; esses graus de coesão são expressos, por exemplo, pela Condição x-C (capítulo 4, seção 2.1). A Condição x-C estabelece que um

TL com acepção classificadora (“C”) deve sempre ficar contíguo ao TL com acepção de indicador:

(34)a. Ataque cardíaco grave

“Ind” “C” “Q”

b. * Ataque grave cardíaco

Algo semelhante se aplica a TLs representados por sintagmas preposicionados. Assim, temos

(35)a. Os motoristas de táxi de Uberlândia

b. * Os motoristas de Uberlândia de táxi

Podemos portanto começar a investigação procurando alguma diferença semântica entre **de táxi** e **de Uberlândia**, na suposição de que ela é o que causa essa diferença de comportamento.

Parece-nos que **de táxi** em (35) é classificador, no mesmo sentido em que **cardíaco** é classificador em (34). Primeiro, há, também aqui, a intuição de que **motorista de táxi** é uma construção mais estreitamente unida do que **motorista de Uberlândia**. Depois, pode-se dizer que **motorista de táxi** é um dos tipos de **motoristas** habitualmente considerados, ao passo que **motorista de Uberlândia** certamente não é. Para testar essa intuição, basta perguntar a um falante quais são os tipos principais de **motoristas**; ele poderá responder mencionando **motoristas de táxi**, de **ônibus**, de **caminhão**; mas dificilmente citará **motoristas de Uberlândia**, de **Recife** ou de **Santa Catarina**.

Se estivermos certos nessa análise semântica, então teremos uma explicação para os fatos de (35): aí estaria ocorrendo exatamente o que ocorre em (34), ou seja, está agindo a Condição x-C, que não permite que nenhum elemento se interponha entre o indicador e um TL com acepção classificadora (ou uma seqüência de TLs com acepção classificadora). Até aqui, portanto, o TL representado por sintagma

preposicionado funciona da mesma maneira que o TL representado por adjetivo.

Igualmente, observa-se em (35) que **todos** pode ser colocado antes de TL não-classificador, mas não antes de TL classificador:

(36)a. Os motoristas de táxi **todos** de Uberlândia aderiram à greve.

b. * Os motoristas **todos** de táxi de Uberlândia aderiram à greve.

Isso se observa inclusive quando os TLs em questão aparecem sozinhos:

(37)a. Os motoristas **todos** de Uberlândia aderiram à greve.

b. * Os motoristas **todos** de táxi aderiram à greve.

Esses fatos estão, claro, de acordo com o esperado: nada se pode interpor entre o TL classificador e o indicador; já entre o TL não-classificador e o Ind pode-se colocar **todos**.

No entanto, os sintagmas onde os TLs são adjetivos têm comportamento diferente. Neles, nota-se que **todos** nunca pode ocorrer antes de outro TL, seja ele classificador ou não:

(38)a. * Os ataques cardíacos **todos** graves são tratados em UTI.

b. * Os ataques **todos** cardíacos graves são tratados em UTI.

(39)a. * Os ataques **todos** graves são tratados em UTI.

b. * Os ataques **todos** cardíacos são tratados em UTI.

E' preciso reconhecer, pois, que a Condição x-C não é suficiente para descrever os fatos relativos à colocação de **todos**. A Condição continua valendo, claro, pois não encontramos exemplos de **todos** inserido antes de um TL classificador; mas o problema da distribui-

ção de **todos** relativamente aos TLs continua de pé, e ainda precisamos buscar uma solução.

O problema se centra na diferença entre TLs representados por adjetivos e TLs representados por sintagmas preposicionados. E as possibilidades de solução que se apresentam de imediato são duas:

(a) o que estamos chamando “TL representado por SPrep” é na verdade uma outra função mórfica dentro do SN; ou

(b) existe uma diferença *semântica* sistemática entre TLs representados por adjetivo e TLs representados por SPreps. A seguir, vamos examinar essas duas alternativas.

2.2.2. Outra função mórfica?

A alternativa (a) introduziria uma nova função no esquema mórfico do SN, que ficaria assim:

PDet + Det + TLⁿ+ Zⁿ

onde ‘Z’ representa a função de **de táxi** ou **de Uberlândia** em (35a). Dessa maneira poderíamos tratar a diferença entre SPreps e adjetivos como uma diferença de função mórfica: diríamos que **todos** pode ocorrer antes de Z, mas não antes de TL.

No entanto, essa solução não funciona, por duas razões. A primeira é a dificuldade de definir a função Z: a maneira mais óbvia seria pela ordem, isto é, Z ocorreria depois do TL, como está no esquema acima. Mas acontece que há exemplos de SPrep seguido de adjetivo no sintagma, como em

(40) Uma professora de francês simpática

Logo, não podemos definir Z pela ordenação, e ainda manter sua conexão com os sintagmas preposicionados. E tampouco podemos defini-lo pelo fato de ser composto de SPrep, por uma razão impor-

tante: as funções se definem pelo comportamento gramatical, e a estrutura interna não é parte do comportamento gramatical.

Uma das intuições mais fundamentais da análise mórfica é a de que uma função (digamos, de sujeito da oração, ou de TL) pode ser desempenhada por estruturas bastante diferentes. Assim, os sintagmas grifados em (41) são todos sujeitos:

(41)a. *Ela* me irrita.

b. *Essa mulher* me irrita.

c. *A mulher que trabalha* comigo me irrita.

d. *Você roncar a noite inteira* me irrita.

Se formos levar em conta a estrutura interna como parte da definição da função, perderemos essa intuição importante. E, além do mais, teremos de procurar um critério que nos diga até que ponto dois sujeitos (por exemplo) podem ser diferentes — algo que não será fácil realizar.

A segunda razão pela qual não vale a pena analisar o Z como uma função diferente do TL é que o problema principal que motiva a separação continua sem solução: como (37) mostra,

(37)a. Os motoristas todos de Uberlândia aderiram à greve.

b. * Os motoristas todos de táxi aderiram à greve.

todos pode ocorrer antes de alguns Zs, mas não antes de outros. Logo, distinguir 'Z' de 'TL' não permitirá resolver totalmente o problema: poderemos dizer que **todos** ocorre antes de Z, mas ainda teremos de especificar antes de *qual* Z **todos** pode ocorrer.

Por isso preferimos manter a análise proposta no capítulo 3: após o Det só existe o TL (ou os TLs), e um TL pode ser composto de adjetivo ou de sintagma preposicionado.

2.2.3. Diferenças semânticas entre Adj e SPrep

Somos atirados portanto à segunda questão: a de encontrar diferenças semânticas sistemáticas entre sintagmas preposicionados e adjetivos. Mas, embora tendendo a acreditar que esse é o melhor caminho, não temos uma proposta a oferecer no momento. Por isso, vamos limitar-nos a fazer algumas observações que poderão ser úteis na procura das condições semânticas que provavelmente controlam o posicionamento de **todos** no SN.

Primeiro, deve-se perguntar se existem pares de adjetivos e SPreps que sejam sinônimos perfeitos. Tendemos a responder (ainda que com base em um levantamento muito restrito) que essa sinonímia é pelo menos rara. Assim, em

(42)a. Motoristas brasileiros

b. Motoristas do Brasil

brasileiros e **do Brasil** certamente não são sinônimos. Além da diferença mais óbvia (um motorista do Brasil não precisa ser brasileiro, nem vice-versa), existe a seguinte: **brasileiros** *descreve* **motoristas**, ao passo que **do Brasil** não descreve. Isto é, ao se ouvir **motoristas brasileiros** fica-se sabendo algo sobre esses motoristas enquanto pessoas, ou seja, uma de suas qualidades; já em **motoristas do Brasil** só se sabe onde vivem ou trabalham, mas nada de particular sobre eles próprios. Assim, diremos que o TL **brasileiros** em (42a) é *descritivo*, e **do Brasil** em (42b) é *não-descritivo*.

Estamos conscientes do caráter bastante vago dessa distinção. Certamente é necessário elaborá-la mais, procurando uma conceituação mais objetiva. Mas de qualquer forma parece que a oposição *descritivo / não-descritivo* desempenha um papel na determinação da posição de **todos**. É fácil verificar que **todos** pode ocorrer antes de **do Brasil** (não-descritivo), mas não antes de **brasileiros** (descritivo):

(30) Os motoristas todos do Brasil aceitaram o acordo.

(43) * Os motoristas todos brasileiros aceitaram o acordo.

E' verdade que diferença de aceitabilidade entre (30) e (43) poderia ser atribuída não à oposição de descritividade, mas às diferenças ainda desconhecidas entre SPrep e adjetivo. No entanto, em

(44) Os guardanapos todos do hotel estão sujos.

(45) * Os guardanapos todos de algodão estão sujos.

deve ser a descritividade a causa da diferença de aceitabilidade, já que apenas SPreps estão envolvidos. O TL **do hotel** em (44) é não-descritivo, e admite o posicionamento de todos antes de si; já **de algodão** em (45) é descritivo, e bloqueia esse posicionamento.

Temos então aqui um fator a investigar, que poderá ajudar a esclarecer nosso problema. Note-se que o fator "descritividade" não opõe simplesmente adjetivos e SPreps, pois em ambas as categorias se encontram descritivos e não-descritivos. E a oposição de descritividade servirá para prever a possibilidade de colocação de todos antes do TL no caso de SPreps; por outro lado, o fato de que os adjetivos nunca admitem **todos** antes de si permanece sem explicação.

Voltemos à pergunta anterior: será que existem adjetivos e SPreps sinônimos? Como dissemos, parece-nos que esse fenômeno é raro. Um exemplo provável é

(46) Ataque cardíaco

(47) Ataque do coração

E' interessante observar que nesse caso, em que o adjetivo e o SPrep são aparentemente sinônimos, o comportamento com respeito à Condição x-C é diverso:

(48) * Um ataque fulminante cardíaco

(49) Um ataque fulminante do coração

Esse é um dos problemas a serem enfrentados quando se for estudar a análise dos SPreps dentro do SN: não parece que a análise proposta com base apenas nos adjetivos (como a nossa) se possa transferir sem alteração para os SPreps.

Por outro lado, segundo nossa intuição, **do coração** deve ser *descritivo* (tal como **cardíaco**); portanto, é de se esperar que **todos** não possa colocar-se antes de **do coração**. Essa previsão se confirma:

(50) * Os ataques todos do coração são tratados em UTI.

E' possível, portanto, propor desde já uma descrição, preliminar mas confirmada pelos dados examinados, do posicionamento de **todos** dentro do SN. Essa descrição, entretanto, depende de se distinguir adjetivos de SPreps; e como acreditamos que se trata de uma condição semântica (uma CSP), depende também de se encontrar uma diferença sistemática entre adjetivos de SPreps, o que não se encontrou até o momento. Em outras palavras, a formulação da provável CSP que controla o posicionamento de **todos** no SN terá que esperar até que avance mais nosso conhecimento da semântica dos SPreps frente aos Adjetivos.

A descrição pode então resumir-se da seguinte maneira:

O item *todos* pode ocorrer no SN antes de um TL se este for representado por um SPrep e não tiver aceção descritiva.

Essa condição deve ser entendida como uma regra prática, informal, e não integrada na análise, porque lança mão de uma diferença (*TL adjetivo X TL SPrep*) que não tem "status" teórico.